EXCLUSIVO LEMOS OS RELATÓRIOS SECRETOS ENVIADOS POR CARLUCCI PARA WASHINGTON NO VERÃO QUENTE DE 1975

GR

GRANDE REPORTAGEM 245

MISTÉRIO EM BRAGA
DEFICIÊNCIAS DE UM COMENDADOR

SALTIMBANCOS
A MINHA FAMÍLIA É UM CIRCO

ORQUESTRA GAY
TUDO ÀS ESCURAS

PERCURSO
ILHAS NO CANAL

Gualdino Barros fotografado no Hot Club, em Lisboa, no passado dia 9

Grande Reportagem n.º 245 . Revista Semanal . Ano XVI . 3ª série . 17 de Setembro de 2005 . Esta revista faz parte integrante do Diário de Notícias n.º 49845 e do Jornal de Notícias n.º 108/118

Gualdino Barros

BATIDAS DO ANDARILHO

AO LONGO DE UMA VIDA DE AVENTURAS, O MAIS FAMOSO E INFLUENTE MÚSICO ANÓNIMO DO JAZZ LUSO JÁ CORREU MEIO MUNDO E TOCOU COM OUTRO MEIO

DA DIRECÇÃO

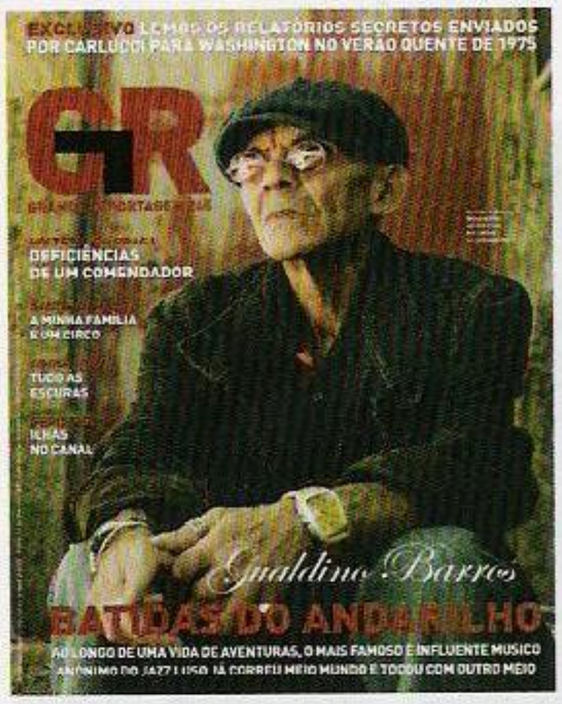


Foto de Capa:
Jordi Burch

Apesar de uma carreira musical de décadas, Gualdino Barros nunca saltou para a ribalta. Mas a sua história dava um filme

ATRAVÉS DA NOITE

Como nem só de figuras públicas se faz a capa de uma revista como a *GR*, trazemos nesta edição ao conhecimento dos leitores a história de alguém que, apesar de uma sólida carreira musical, nunca saltou para a ribalta. O caso de Gualdino Barros, o baterista de jazz que há mais de quatro décadas acompanha tudo quanto é gente no meio, evoca de certo modo a biografia que Woody Allen ficcionou para Scan Penn interpretar em *Através da Noite* (*Sweet and Lowdown*, 1999). Claro que, ao contrário de Emmet Ray, que teria tido o azar de ser o segundo melhor guitarrista de jazz do mundo, apenas suplantado pelo fabuloso Django Reinhardt, Barros não será o segundo melhor baterista do mundo, mas partilha com aquele uma atitude perante a música e a vida onde é possível encontrar muito em comum. Um percurso que vale a pena conhecer, e que também daria um filme – não ficcional, desta vez.

Para marcar os 30 anos do Verão Quente, ponto culminante do PREC (Processo Revolucionário em Curso) e das opções feitas por Portugal para ser o país que é, investigámos os relatórios confidenciais que o então embaixador norte-americano em Lisboa, Frank Carlucci, enviou para Washington. Este tipo de papéis costumam ser desclassificados nos EUA ao fim de 30 anos, pelo que a ocasião era propícia para rever a actuação de quem foi considerado o diplomata mais determinante em missão na capital portuguesa naquele ano. Na verdade, a Casa Branca tinha especial preocupação em conter a influência comunista em Portugal (e, por extensão, nas suas colónias, então em vias de aceder à independência), e embora Henry Kissinger, o chefe da diplomacia norte-americana, considerasse o País perdido para a órbita soviética, Carlucci acreditou sempre ser possível mantê-lo na esfera ocidental. Como veio a suceder, e a correspondência que trocou com Kissinger revela muito do que ele próprio fez para isso.

Com o recente anúncio da recandidatura de Mário Soares a Belém, esta reportagem ganhou especial actualidade, já que, apesar das suas recentes posições antiamericanas, o então líder do PS foi o maior aliado de Carlucci. Embora exista ainda nos arquivos americanos um ficheiro com o nome de Soares reservado por razões de «segurança nacional», os documentos secretos já acessíveis mostram como o futuro primeiro-ministro e Presidente da República apostou nessa aliança a seu favor e do seu partido – e afinal também, e sobretudo, do lado certo da História. É verdade que nem tudo foi transparente: no ano seguinte, Carlucci obteria para os socialistas substanciais apoios financeiros da CIA, ao mesmo tempo que Soares garantia em conferência de imprensa não receber um tostão do estrangeiro e lançava uma «campanha nacional de recolha de fundos» para branquear a dádiva. Mas não se tem visto que, em política (e sobretudo em Soares), os fins justificam os meios?

GR
GRANDE REPORTAGEM

REDACÇÃO
Rua Rodrigues Sampaio, 89 - 2º | 1250-279 LISBOA
Telefs.: 213 187 500 / 213 187 324 Fax: 213 504 863
E-mail: grandereportagem@grandereportagem.com.pt

Director **Joaquim Vieira**
joaquim.m.vieira@grandereportagem.com.pt
Editor **Torcato Sepúlveda**
torcato.m.sepulveda@grandereportagem.com.pt
Director de Arte **Rui Leitão**
rleitao@globalnoticias.pt
Editor de Fotografia **Rui Xavier**
rui.m.xavier@grandereportagem.com.pt

Redacção **Felícia Cabrita** [redactora principal], **João Pombeiro** [coordenador] jpombeiro@grandereportagem.com.pt, **Ana Sofia Fonseca, Joel Neto** joel.g.neto@grandereportagem.com.pt, **Ricardo Santos** ricardo.b.santos@grandereportagem.com.pt, **Rita Bento** [Copy-Desk]

Fotografia **Pedro Loureiro** ploureiro@grandereportagem.com.pt

Design **Ana Faleiro** [coordenadora], **Michael Cavero e Nuno Silva**

Assistentes Editoriais **Dulce Bragança** dulce.c.braganca@grandereportagem.com.pt **Sandra Silva** grandereportagem@pressmundo.pt

Colaboradores **António Martins, Filipe Araújo, Francisco Camacho, Francisco José Viegas, Gonçalo Pereira, Helena Mendonça, Iza Salles** [Rio de Janeiro], **João Lopes Marques** [Amesterdão], **João Mesquita, José Manuel Barata-Feyo, Luís M. Faria, Martin Adler, Pedro Almeida Vieira, Pedro d'Anunciação, Pedro Mexia, Silva Pires**

Circulação **António Paixão** Marketing **Cátia Antunes** cantunes@globalnoticias.pt

Produção **António José Carvalho** [director], **João Paulo Pires, Juvenal Carvalho e Patrícia Brito**

Publicidade **Frederico Almeida Dias** [director coordenador de publicidade] frederico.a.dias@grandereportagem.com.pt **Alexandra Robalo** [directora de contas] alexandra.c.robalo@grandereportagem.com.pt **Inês Perestrello** [directora de contas] ines.v.perestrello@grandereportagem.com.pt **Gonçalo Rosa** [assistente] goncalo.s.rosa@globalnoticias.pt **Tel.: 213 187 837 Fax: 213 187 425**
Delegação no Porto **Vítor Cunha** [director de contas] vitor.cunha@globalnoticias.pt **Tel.: 222 096 417**
Maria João Eça [assistente] maria.j.eca@globalnoticias.pt
Tel.: 222 096 172 Fax: 222 096 193

Propriedade da empresa
Global Notícias, Publicações, SA
Registada na Conservatória Comercial do Porto com o n.º 5738.
Capital Social de 6.334.285 euros. N.º de Contribuinte 500 096 791.
Sede na Rua Gonçalo Cristovão, 195 - 4049-011 Porto
Tel.: 222 096 111 – Fax: 222 006 330
Filial na Av. da Liberdade, 266 (ed. Diário de Notícias) – 1250-149 Lisboa
Tel.: 213 187 500 – Fax: 213 187 506

Empresa detentora de, pelo menos, metade do capital social:
LUSOMUNDO SERVIÇOS
Conselho de Administração: Joaquim Oliveira (presidente), Rolando Oliveira, Gabino Oliveira, Jorge Carreira, João Viegas Soares, Manuel Soares, Jose Marquitos, Hugo Correia Pires e Afonso Camões
Director Geral de Publicações Carlos Andrade; **Director Geral Comercial** Luis Ferreira

Depósito Legal n.º 30 078 / 89 Pré-impressão HSMS – Artes Gráficas, SA Impressão e acabamento Lisgráfica SA – Est. Consiglieri Pedroso, Casal de Santa Leopoldina, 2745-553 Barcarena Distribuição Notícias Direct – Tel.: 219 249 988

PUBLICAÇÕES DA LUSOMUNDO MEDIA:
Açoriano Oriental, Evasões, Diário de Notícias, Grande Reportagem, Jornal do Fundão, Jornal de Notícias, National Geographic, Notícias Magazine, PlayStation2, Viagens, Volta ao Mundo e 24 Horas.

Interdita a reprodução de textos e imagens por quaisquer meios. Esta revista é parte integrante dos jornais Diário de Notícias e Jornal de Notícias. Não pode ser vendida separadamente.

GR
GRANDE REPORTAGEM

17 A 23 DE SETEMBRO 2005

20 GUALDINO *ON THE ROAD*

GUALDINO BARROS é um músico das arábias. Aventureiro, percorreu o mundo. Baterista de jazz, promove os jovens, que o adoram. Uma lenda portuguesa que andou pela estrada fora. No Hot Club de Portugal, amam-no. O mundo conhece-o. Terá sido homem-bala num circo?

28 A DUPLA SOARES & CARLUCCI

Mário Soares amigo íntimo dos americanos? Parece impossível, agora que o ouvimos criticar a intervenção no Iraque! Mas em 1974/75, o fundador do PS fez dupla com o então embaixador norte-americano Frank Carlucci para travar os comunistas. Voltas que a política dá.

36 DEFICIENTES TRAMADOS

Pais, alunos e ex-funcionários de um lado. Félix Ribeiro, presidente de um associação de deficientes mentais em Braga há mais de 30 anos, do outro. Pelo meio, uma investigação do Ministério Público. E a Segurança Social que fica abismada com a história.

44 O CIRCO CHEGA À ALDEIA

Os circos pobres, sem tenda nem *plateau*, ainda existem em Portugal. A *GR* seguiu um deles, composto por uma simples família: pai, mãe e filhos. Ainda há andarilhos felizes, embalados pelo fascínio do espectáculo.

54 ORGIAS MASCULINAS

Em Portugal existem sete quartos escuros, em saunas e bares, onde homens têm relações sexuais entre si. Na solidão mais extrema. E correndo riscos: a sida e outras doenças sexualmente transmissíveis espreitam.

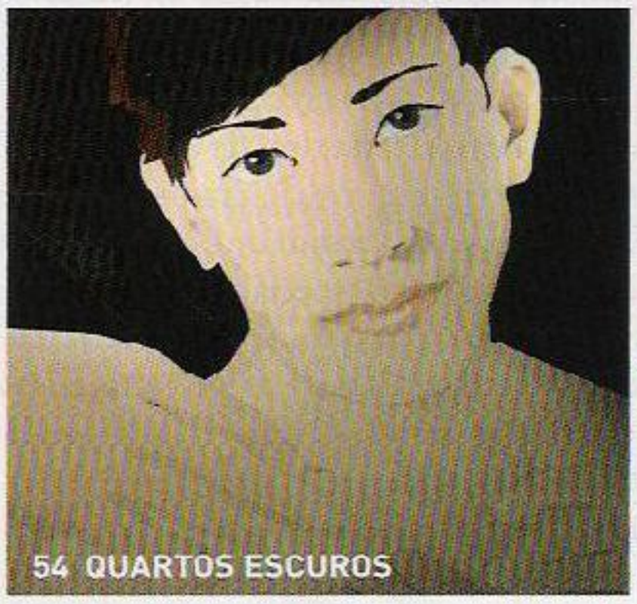
4 DA DIRECÇÃO
6 CARTAS
14 SEMANA GR
19 AS COISAS QUE SE DIZEM Belmiro de Azevedo
62 AGENDA 9.º Festival de Cinema Gay e Lésbico de Lisboa
63 MESTRE DE OBRAS *História Natural do Futebol*
64 VOLTA AO MUNDO Ilhas do Canal
66 À MESA Carne estufada
67 CÉU ABERTO Atletismo
68 SOBRE RODAS *Volkswagen Jetta*
70 CLÍNICA GERAL Síncope
74 FORMULÁRIO Zé Diogo Quintela

CRÓNICAS
10 JOSÉ MANUEL BARATA-FEYO 12 PEDRO MEXIA 17 JOAQUIM VIEIRA 72 JOEL NETO 73 O SEXO E A CIDÁLIA

44 CIRCO AMBULANTE

20 O AVENTUREIRO GUALDINO

28 SOARES E CARLUCCI


54 QUARTOS ESCUROS

64 ILHAS DO CANAL

36 DEFICIENTES ENGANADOS EM BRAGA

O *SWING* DE GUALDINO

GUALDINO BARROS DESAFIOU A SORTE E SUJEITOU-SE A TRABALHOS PRECÁRIOS PARA VIVER A MÚSICA À MANEIRA DOS HERÓIS QUE LHE MOLDAM O IMAGINÁRIO. HERÓIS QUE CHEGOU A CONHECER. TORNOU-SE O MITO VIVO DO JAZZ EM PORTUGAL. UMA LENDA NA SOMBRA, AMADA POR GERAÇÕES DE MÚSICOS QUE VÃO DE DANY SILVA A JORGE PALMA. FARSA PORTUGUESA.

TEXTO DE FILIPE ARAÚJO | FOTOGRAFIA DE JORDI BURCH

«De certeza que não foi homem-bala no circo?» Do outro lado da secretária, Bernardo Moreira, há 13 anos presidente da direcção do Hot Club de Portugal e figura incontornável do jazz, resvala para a dúvida durante um par de segundos. «Foi, foi!... Consta que chegou a ser cuspido por canhões nos seus tempos de França.» O sorriso enigmático e carinhoso do engenheiro e professor de 73 anos escapa-se-lhe, poderoso, como uma silenciosa declaração de admiração e fascínio. Inevitável, de resto. Do vastíssimo universo de pessoas que se deixaram contagiar pelo entusiasmo de Gualdino Barros, 63 anos, baterista, todos lhe invejam a determinação e o fabuloso imaginário, em que a realidade, por vezes, pregou partidas à mais elaborada ficção.

A figura franzina, frágil, estilizada à imagem de artista-modelo segundo os cânones do neo-realismo ajuda, embora o factor decisivo para o lugar de destaque que conseguiu no meio se deva à forma omo canalizou a «vitalidade» e o «amor à música» no apoio a jovens inexperientes. Os mesmos que, desde os anos 60, tem adoptado, ajudado a formar e lançado no circuito profissional. Quantas vezes abdicando do seu próprio *cachet*.

Enquanto remexe nas prateleiras do amplo gabinete da escola de jazz, Bernardo Moreira vai fazendo contas de cabeça. «Tenho a impressão de que o Gualdino já tocou com praticamente todos os músicos do País.» Um rápido *flashback* pela acidentada carreira do baterista é suficiente para constatar que a ele se deve a paternidade musical de dezenas de instrumentistas, hoje profissionais, e de «99%» das vozes lusas que durante as últimas duas décadas apareceram no jazz. O fetiche pelas cantoras é lhe conhecido de sobra. As razões também. Afinal, foi com os grandes temas da Broadway, que acompanhavam os filmes mudos da sua infância, que o baterista aprendeu a gostar do jazz. «As vozes femininas dominavam a cena.»

Noite de terça-feira. Num restaurante de esquina, junto à pacata Avenida Sacadura Cabral, em Lisboa, onde vive desde os trintas, Gualdino restabelece-se dos concertos do fim-de-semana. «Estou cansado, pá. Tocar três noites seguidas e carregar com o material manda qualquer um a baixo», desabafa, olhos postos no prato de carapaus acabado de chegar à mesa. O calor abafado da noite transporta-o para África. Mais precisamente para Benguela, Angola, onde tudo começou – contorcia-se o hemisfério norte ao ritmo dos avanços e recuos da II Guerra Mundial. Só o toque polifónico do telemóvel, num registo de *hit* pop-oriental a lembrar Shakira, o puxa à realidade. «Sempre fui muito senhor de mim mesmo. Desde puto, desde Angola.» Em tudo, menos na doença, que a saúde nunca foi o seu forte.

Novo telefonema, novo esquema. Quando o aparelho soa, Gualdino transforma-se. Os olhos enchem-se de brilho, o discurso acelera, a fadiga esmorece. Parece outro. «Tenho aí uns CD e umas partituras que mandei vir da América», atira, despachado, para o lado de lá. «A ver se as apanhas amanhã. São óptimas para tocar!» Cordial, arrasta-se em despedidas durante uns generosos minutos. Só então volta, sem pressas, à mesa do restaurante e ao pensamento congelado no momento do toque. «Ah, a saúde... Sempre fui um gajo com muitas doenças.»

Bernardo Morcira não o deixa mentir na sua preocupação quase obsessiva. Partilham o mesmo médico há largos anos, o também músico Tozé Veloso, e quase «90% das vezes» que passa pelo consultório acaba por lá encontrar Gualdino. O senhor doutor, todavia, não parece muito preocupado com as queixas do baterista que virou lenda: «Ele bem nos tenta enganar com o arzinho frágil, mas tem uma saúde de ferro! Eu já vi os últimos exames...»

Os temores de Gualdino vêm da infância e compõem parte importante da sua personalidade, com rasgos de hipocondria visíveis aqui e ali. A boleia ao passado remete-o para o Verão quente dos seus nove anos, quando complicações respiratórias o arrastaram pela mão da mãe para uma missão no mato, assistida por especialistas americanos. «Tive de tudo: anginas, amigdalites e até malária. Mas se há coisa que nunca esqueci foram os conselhos que, naquele dia, o médico me deixou para a vida.» Ver-se-á!

Na ida ao mato, «um tal dr. Parsons», homem robusto, de semblante sério, examinou-o a fundo, anunciando à progeni-

ANTIGOS E MODERNOS
Gualdino (de boné) com Diogo Vida, Bernardo Moreira, Dani Silva, Joana Espadinha, Rui Caetano, Rita Frazão e Filipe Melo (da esq. para a dir.) Encontro de gerações no jardim do Hot Club, em Lisboa

A FIGURA FRANZINA, FRÁGIL, ESTILIZADA À IMAGEM DE ARTISTA-MODELO SEGUNDO OS CÂNONES DO NEO-REALISMO AJUDA AO MITO, EMBORA O FACTOR DECISIVO PARA O LUGAR DE DESTAQUE QUE GUALDINO BARROS CONSEGUIU NO MEIO SE DEVA AO SEU APOIO A MÚSICOS INEXPERIENTES.

tora que, para ele sobreviver às maleitas, três regras de ouro deveriam ser respeitadas: nunca dar cafeína ao moço, pois era extremamente nervoso; afastá-lo de ambientes poluídos, devido aos seus problemas respiratórios; e não o deixar falar muito, por causa da debilidade da garganta. Gualdino ouviu a prescrição calado, engoliu-a em seco, mas não acatou nenhuma das máximas. Teimoso, viciou-se em coca-cola depois de se libertar do vício do álcool. Virou fumador compulsivo ainda adolescente. Tornou-se uma máquina de falar. Mesmo depois de lhe arrancarem as amígdalas à força, numa «operação terrorista», feita a sangue-frio e sem anestesia, não mudou de hábitos.

O director do Hot Club desafia a memória em busca do momento em que se cruzou com Gualdino Barros pela primeira vez. Terá sido nos finais da década de 50, contava já o Hot Club uma dúzia de anos no papel. O próprio homem-mito não consegue precisar ao certo a data em que se estreou na mágica cave da Praça da Alegria, em Lisboa. Sabe apenas que tinha «uns 17 anos» e que nunca havia tocado na vida.

Cansado da violência do colégio em Benguela, onde experimentara no corpo austeros métodos educativos, negociou com os pais uma fuga para a metrópole a meio do segundo ano do liceu, que prosseguiu sob a alçada do padrinho, interino no Colégio Manuel Bernardes. «Ratão como sempre fui, tornei-me logo sacristão.» O objectivo era «fugir à porrada» – nunca deixar-se levar pela religião, que o seu templo já na altura era outro. Aproveitando o acesso gratuito à casa de fados Luso, propriedade do tutor, não havia fim-de-semana em que o lingrinhas chegado de Angola não perdesse as noites pela Travessa da Queimada. Lá conheceu Amália, Carlos Ramos, Toni de Matos, Ada de Castro e Manuel d' Almeida, entre outros, com quem várias vezes confraternizou, absorveu experiências e aguçou a paixão pelo mundo do espectáculo.

Gualdino ainda se encontrava longe de sonhar para si uma vida dedicada à música e ao *showbiz*. Seriam precisos mais dois anos de boémia no Minho – onde deixou as notas «descambarem» e mostrou talento como interior esquerdo no Sporting de Braga – para sentir o clique. Aconteceu já no Hot Club, quando vislumbrou no pequeno palco dos fundos o baterista espanhol Luis Sangarcau, seu guru e primeiro grande herói. «Fiquei doido!» De garfo na mão, Gualdino gesticula entusiasticamente. Nem a gastrite que virou úlcera e o pôs a caminho de Lisboa a contragosto importa mais. «Quando vi Sangareau tocar, com aquelas roupas exuberantes, brilhantina no cabelo, mulheres lindíssimas à volta, só uma coisa fazia sentido na minha cabeça: ser como ele, igual a ele.» Seu dito, seu feito: fez do músico professor.

Nos tempos que se seguiram, «sempre que o via, andava frenético, a ver se aprendia a tocar», rememora Bernardo Moreira, para quem a escolha de Sangareau para mestre foi das decisões mais acertadas de Gualdino. Para além de ser um dos «melhores bateristas que por cá passaram», o músico castelhano era um «verdadeiro orelhudo», que tocava por intuição. Ensinou-lhe, com facilidade, o bê-a-bá do ritmo e a tabuada da improvisação. O resto da cartilha já Gualdino ia conhecendo. Consistia numa máxima que ainda hoje apregoa aos seus discípulos, enquanto exorta as virtudes do autodidactismo: «Para se aprender a tocar, a melhor lição é ouvir quem mais sabe e não ter medo de errar.» Ouvir sempre. Dos clássicos aos experimentalistas.

«Olhe que ele já dava uns toques antes disso!», corta, ao telefone, Raul Indipwo. Tocaria mesmo? O sobrevivente do duo Ouro Negro não garante, mas quase aposta que sim. Foram contemporâneos em Benguela, jogaram juntos à bola, vibraram com as mesmas *matinées* no cinema... «De certeza! Tocava tambor nos tampos das cadeiras. Ainda era miúdo e já tinha uma queda para o ritmo.» Desses tambores, Gualdino não guarda grande ideia. No entanto, ainda se recorda bem da forma como improvisou a sua primeira bateria, já em Lisboa. Artesanato em estado bruto: uma caixa de sapatos a servir de tarola, abajur de metal a fazer a vez de prato e um par de vassouras para usar como baquetas: «Durante muito tempo foi assim que aprendi.» A acompanhar a partir de casa as transmissões da Emissora Nacional, difundidas de hotéis e *boîtes*, onde chegou a meter o nariz e a fazer amizade com os músicos. «Entrava pela porta do cavalo, aproximava-me no intervalo e contava-lhes que passava a vida a tocar com eles.» Os instrumentistas não resistiam e lá acabavam por deixá-lo experimentar a bateria.

«Mais marcante foi a forma como o nosso Gualdino arranjou a sua primeira bateria à séria», confidencia Rui Madeira, 66 anos. Responsável pelo primeiro espectáculo da lenda do jazz, com quem se cruzou nos inícios da década de 60, o pianista e cantor conhece o episódio de cor. «O tipo é um sonhador, um romântico... Não tinha mais de dez tostões para a bica e não parou enquanto não solucionou o imbróglio.» Faz uma pausa, ri se. «Correu meia Lisboa, orientou mil trabalhos, ai que saudades!... Andou tempos e tempos a pregar por uns trocos, mas atingiu o objectivo em tempo recorde.» A história condensa o instinto de Gualdino. Define mesmo a sua filosofia de vida. Uma existência feita de percalços, em que o atalho acentuado e menos óbvio nunca foi impedimento para a pequena realização do momento. «Vivo com objectivos», afirma. Hoje tem quatro baterias.

Sem nunca ter ouvido cantar Joana Espadinha, Bernardo Moreira já ouviu falar da cantora. «Dizem que tem uma voz muito boa...» Gualdino há-de concordar: é a sua nova aposta. Joana, de 22 anos, quase licenciada em Direito, quase cantora profissional. O encontro acidental aconteceu

UMA VIDA INTEIRA
Gualdino solitário.
Terá ele sido, de facto,
homem-bala num circo?

ON THE ROAD
Gualdino na estação de caminho-de-ferro de Vila Nova de Gaia, em 2005. O mundo espera-o

© Rita Carmo

no metro de Lisboa, durante no Natal. Ela a cantar por ali, ele a meter-se com ela. «Disse me que me arranjaria uns concertos e eu fiquei com receio», confessa a universitária. Pouco alimentou os seus medos: «Perguntei no Hot Club quem era, soube que tinha boa reputação, que era sério a trabalhar.» Pelo sim pelo não, folheou uns CD, verificando que poucos eram aqueles que não aproveitavam o espaço dos agradecimentos para homenagear Gualdino. Aceitou o desafio. Agora, dá graças aos céus. «Arranjar um anjo protector assim, tão cavalheiresco e com tantas histórias para contar é um achado», conclui. Onde poderia, afinal, encontrar «um baterista que até homem bala no circo foi»? Terá sido mesmo?

O assunto pouco preocupa a cantora. Para quem se inicia no jazz fazendo da voz o seu instrumento, Joana sabe que «não podia estar em melhores mãos». Gualdino arranja-lhe partituras, obriga-a a ouvir música nova, trata de a pôr a cantar por aí. Faz com ela o que tem como *hobby* desde que assentou arraiais no País, após uma diáspora de cinco anos por Alemanha e França: «Coloca as descobertas a rodar no meio, deixa-as partir quando crescem e segue para a próxima», sintetiza Rui Madeira. Pelo caminho, serve de escola ambulante. De «universidade viva», metaforiza Diogo Vida, hoje pianista de Jacinta, há sete anos pupilo do baterista-professor.

O segredo da estaleca que Gualdino oferece aos eleitos é esse mesmo, rotatividade. Uma ferramenta que, aos 41 anos, o baixista dos Cool Hipnoise, Francisco Rebelo, considera decisiva no seu percurso como músico. O exemplo que escolhe é ilustrativo: «Como todas as semanas arranjava uma cantora nova com voz diferente, os instrumentistas viam-se obrigados a fazer uma ginástica incrível. Ajustar os tons dos instrumentos era tramado.» Ao fim de algumas voltas, o próprio concerto virava um ensaio ao vivo.

Sob a meia-luz da Casa da Morna, em Alcântara, Lisboa, Dany Silva comprova o dinâmico ciclo do baterista. Em 1968, depois de terminar o curso na Escola Agrícola de Santarém, também o cantor cabo-verdiano fez parte de um quarteto de Gualdino e, pelas mãos do companheiro, foi entregue ao «melhor dos quintetos» – o Quinteto Mais Dois, «sonho de qualquer um» na altura. «Devo a essa grande personalidade do jazz o facto de ter enveredado por uma carreira profissional na música.» Virtudes da rotatividade. Da constante rotatividade. Sempre presente na sua relação com os músicos e traço marcante da forma como lidou com as mulheres. Na vida de mestre Barros, o espaço para cimentar raízes foi sempre escasso. Toda a gente passa, toda a gente vai. E se dos primeiros a gratidão e sucesso dão alegrias, das segundos, a cantiga nem segue a pauta. A sina já vem de jovem.

Descontentes com as notas de Gualdino, nos primeiros giros por Lisboa depois de voltar de Braga, os pais – António e Julieta – acharam por bem ter o rebento de volta à Benguela natal. Preocupado em juntar uns trocos para se aventurar pela Europa, o recém-formado baterista fez-lhes a vontade. Voltou a Angola e por ali se deixou estar. Era confortável.

Durante dois anos, deu aulas de Matemática e Física, experimentou a rádio, animou *soirées* no Bombaka Hotel, participou na sua primeira aventura cinematográfica (a curta de Vítor Silva Tavares, *Uma História do Mar*). Uma coisa falhou: perdeu o coração por quem não devia. A moça «era linda», é certo, mas aquele amor platónico, alimentado à varanda e contra a vontade dos pais da donzela, não tinha outra saída senão a desgraça. «Pouco me importava, estava apaixonado», desabafa agora Gualdino, de cigarro na mão.

GUALDINO AINDA SE RECORDA DA FORMA COMO IMPROVISOU A SUA PRIMEIRA BATERIA. ARTESANATO EM ESTADO BRUTO: UMA CAIXA DE SAPATOS A SERVIR DE TAROLA, ABAJUR DE METAL A FAZER A VEZ DE PRATO E UM PAR DE VASSOURAS PARA USAR COMO BAQUETAS.

«Escrevi-lhe uma carta sentida, que mandei pela criada, e desafiei-a a fugir para parte incerta.» Teve azar. O escrito foi interceptado pelo pai da amada, que, descontrolado, correu com Gualdino «a tiros de pistola».

A pontaria felizmente infeliz do homem não foi suficiente para afastar o baterista de novas situações em que a paixão e a morte poderiam ter sido aliadas. A mais insólita diz respeito a uma paixão de ocasião na América, já no decorrer dos setentas, integrava Gualdino uma banda de música brasileira a tocar num cruzeiro. «Foi quando caiu num lago de jacarés, em Los Angeles, não foi?», lança, divertido, Bernardo Sassetti. Em L.A.? «Nada disso», corrige Gualdino. «Estava em Miami! E os jacarés, já agora, eram crocodilos», embora nunca tenham chegado a aparecer. O que consta da versão oficial da história, tantas vezes repetida pelo protagonista, é que este se deixou levar por uma mulher escultural, que conheceu num bar onde se tocava *swing*. «Por umas horas, julguei tê-la conquistado. Quase tive a certeza de que a madrugada seria maravilhosa.» De novo o tiro escapava pela culatra do, até mais ver, homem-bala. Poucos minutos depois de subir ao apartamento da companheira, banho de piscina tomado e vários aperitivos sorvidos, três homens de grande porte irromperam pela porta, limpando os haveres de Gualdino enquanto o amoleciam à pancada. Seguro de que o iam matar, o músico correu para a varanda. «Olhei em redor e atirei-me da extremidade esquerda da esquina.» Aconselhado pelo álcool, evitou saltar para a piscina. Calibrou a pontaria para o canal que passava três andares abaixo. «Estava por tudo.» Já que ia morrer, ao menos que fosse em grande estilo – «nunca a levar porrada.»

A aterragem aconteceu no lodo. A desventura só não foi fatal porque, atónitos com o sucedido e «preocupados com um eventual ataque de crocodilos», dois homens que passavam num barco recolheram Gualdino. O músico ficou incapacitado ou sofreu sequelas? Não. Passou umas horas no hospital. Andou meio coxo, a trocar a perna com que dava no bombo. Nunca deixou de tocar.

Jorge Palma contava por essas calendas 22 anos e, por uma encadeada sucessão de coincidências, encontrava-se em Miami com Gualdino. «Nessa noite, quando subi para ser caçado, tinha-o deixado a tocar no bar», conta o baterista. O cantautor, que não assistiu à desgraça, recorda esse tempo com nostalgia: «Senti-me num *western* pós-moderno e alucinado. Primeiro, a sairmos do barco, armados em *Midnight Cowboys*; depois, a seguirmos noite fora pela Oceans Avenue. Fizemos quilómetros e quilómetros pela marginal até pararmos num bar de *swing*. Aí, bebemos vários copos e Gualdino apresentou-me como estrela a uns craques da música. Estava parvo com o paleio dele e a confiança que investia em mim. Ainda não eram três da manhã e o gajo já me tinha posto a tocar!»

Pelo contacto que teve com o baterista, que o adoptou para o seu próprio quarteto aos 17 anos, talvez Palma seja a pessoa indicada para desvendar o mistério: foi ou não foi Gualdino homem-bala? «Homem-bala no circo?» Nem Jorge sabia. «Mas não me admiro nada!» Solta duas longas gargalhadas. «O que eu sei é que foi das figuras que mais me atiraram para a frente.»

Gualdino lançou-se num périplo que começou e acabou na Alemanha, com passagem de um ano por Paris. Influenciado pelo existencialismo de Jean Paul Sartre, as narrativas de viagem de Jack Kerouac, o cinema neo-realista italiano e o imaginário do jazz, quis trilhar as pegadas dos ídolos e cheirar «a Europa que contava». Quem sabe não se tornaria um deles... O ideal que perseguia não correspondia à realidade. Culpa do dinheiro «que não estica» e que a tudo sujeitou a franzina lenda. Durante os primeiros anos, Gualdino viveu uma temporada debaixo da ponte, enganou a fome com côdeas de pão, foi tomado e preso como «argelino ilegal», e quase foi deportado. Para sobreviver, submeteu-se a trabalhos pesados: operário fabril e servente nas obras, ajudante de cozinha «num imenso hotel» e auxiliar de limpeza num canil.

O espírito de eterno sobrevivente e a lábia junto de exilados portugueses influentes, como «o jornalista Morais, do [diário comunista francês] *L'Humanité*», levaram a melhor. «Mal arranjei tecto, comecei a ganhar a vida como músico de rua no Quartier Latin e a acumular biscates.» Acabou a fazer substituições no célebre Blues Bar e com uma bolsa para se formar na Alemanha.

Tinha 21 anos quando partiu com um saco de poupanças na mochila. Voltou aos 26. Liso, marcado, mas com uma licenciatura em Engenharia (que lhe garantiria o sustento em Portugal), horas de acompanhamento a Nina Simone e ao saxofonista Johnny Griffin, e experiências inspiradoras com os famosos músicos Bud Powell e Memphis Slim.

É dia 7 de Julho e nos televisores do Papo-Cheio, restaurante alfacinha feito cantina por Gualdino, os ataques bombistas de Londres são notícia. Atrasado quase uma hora para o encontro, o homem-mito está em baixo. Vem agarrado à barriga. Culpa as hérnias que ganhou a transportar pianos e baterias ao longo dos anos.

Entre um trago e outro de coca-cola – que em bebida alcoólica já não toca há oito anos –, fala dos filmes em que figurou. Um, com o actor Mickey Rooney, enquanto músico num casamento; outro, como mendigo, numa película do realizador italiano Franco Zefirelli. Por uns instantes, arrebita. «Cheguei a conhecer o realizador italiano. Quase consegui que corresse comigo, depois de pôr parte da equipa a beber cervejas.»

Filipe Melo, pianista e autor da curta-metragem *I'll See You In My Dreams*, na qual Gualdino veste a pele de *zombie*

FAMÍLIA MUSICAL
Gualdino com os amigos já referenciados, no jardim do Hot Club, em Lisboa

«EM MIAMI, SENTI-ME NUM *WESTERN* PÓS-MODERNO E ALUCINADO. FIZEMOS QUILÓMETROS E QUILÓMETROS PELA OCEANS AVENUE ATÉ PARARMOS NUM BAR DE *SWING*. AÍ, BEBEMOS VÁRIOS COPOS E GUALDINO APRESENTOU-ME COMO ESTRELA A UNS CRAQUES DA MÚSICA. AINDA NÃO ERAM TRÊS DA MANHÃ E O GAJO JÁ ME TINHA POSTO A TOCAR!», LEMBRA JORGE PALMA.

(que lhe valeu a única entrada no *site* Internet Movie Data Base), ironiza: «No meu filme, Gualdino fez o que tinha a fazer. Comportou-se como um morto-vivo.» Introduzido pelo baterista na roda dos espectáculos, Filipe olha-o «como um pai». E não é o único. Bernardo Sassetti, geralmente apontado como o primeiro grande talento lançado pela lenda, já experimentou o mesmo sentimento: «Tratou de mim de uma forma!...» O contrabaixista Bernardo Moreira filho desvenda a história: «Fomos tocar ao 40.º aniversário de [Francisco Pinto] Balsemão e, quando nos deliciávamos com um rosbife que se desfazia na boca, o Sassetti decidiu apanhar a sua primeira bebedeira.» «E que bebedeira!», acrescenta Pedro Moreira, saxofonista do clã. «A tosga foi tão violenta» que Sassetti acabou no hospital em coma alcoólico. Gualdino, esse, esteve imparável. Não o abandonou um segundo. «Passou a viagem inteira para as urgências de Cascais a oferecer-lhe a camisola para vomitar.»

Numa das raras entrevistas publicadas na imprensa com a figura que «arrancou as vassouras a Shelly Manne e as baquetas a Max Roach» (*Primeiro de Janeiro*, 2002), o jornalista António Ferro apelida Gualdino de «avô do jazz». Faz sentido. «Para além de ser uma pessoa que já cá anda há muito tempo, tocar com ele é como estar em casa, em família», sintetiza Jorge Palma. «Se há um problema, o tipo chega se à frente.» Bernardo Moreira e Sassetti assinam por baixo. Comprovam no «os solos jurássicos». Solos ju-quê? Filipe Melo traduz o jargão: «Os autoproclamados solos jurássicos... são famosíssimos! Eram solos longos e virtuosos, em que o Gualdino abandonava a bateria e, de baquetas na mão, continuava a fazer ritmo em todas as superfícies que lhe apareciam pela frente.» Tocar nos tampos das mesas, nas cabeças do público ou em qualquer objecto no meio da rua, «o importante era não parar de bombar». Tudo valia e a assistência ia ao rubro. Esses solos, continua Sassetti, «nasceram durante a minha primeira saída, em 1986, e de forma improvável... para desenrascar um tema em desgraça». A proeza é confirmada por Gualdino. Ao ver a banda «desalinhada e perdida», fez sinal aos músicos e saltou para o meio da audiência, desviando as atenções do palco. Não só salvou a noite como deu de caras com uma das fórmulas mágicas da sua carreira.

Gualdino está apressado. Com atentados ou sem eles, dores leves ou fortes, o seu destino é o metro, que tem de chegar à Baixa à velocidade de uma bala. À velocidade de uma bala... Boa questão! Já à entrada da carruagem, entreabre a porta da lenda. «Aí há quem diga que fui homem-bala no circo?» Solta uma gargalhada. «Ainda estou para perceber onde foram buscar a ideia.» Olha as horas no telemóvel, fica uns segundos em silêncio e remata: «O mais parecido que me aconteceu foi ser abordado por uns tipos de limusina para ser atirado em altura, num cabaré em Paris.» E então, e então? «Pedi-lhes um carro desportivo em troca.» E desaparece no túnel. ■